

## Rememorando Letras da UERJ

*Ivo Barbieri\**



Cheguei à UERJ no meio dos anos sessenta, um período muito crítico da história do país e da universidade brasileira. Tensão de todos os lados. De um, o controle autoritário exercido de maneira implacável sobre as instituições públicas impunha normas repressivas e as aplicava com extremo rigor.

Do outro, o compromisso com a qualidade da educação num momento de renovação das disciplinas curriculares, de mudanças de conceitos e métodos de ensino, exigindo debates e liberdade de expressão, além de muita dedicação e estudo constante. Atravessando contrastes e contradições, a resistência latente, representada de maneira mais aguda por intelectuais que militavam no jornalismo, na educação e na edição de livros e periódicos. Calada a oposição e controlados os sindicatos, a Universidade ficou sendo um dos raros espaços onde estas vozes podiam se fazer ouvir, crescer e, de algum modo, repercutir no seio da sociedade. Isto que, a princípio, era uma teia rala e tênue de manifestações isoladas, foi, aos poucos, se fortalecendo e expandindo para, no final da década, ganhar as ruas graças à participação maciça dos estudantes. O marco histórico da passeata dos cem mil, ocorrida em meados de sessenta e oito, assinala a culminância desse movimento que, concebido no recolhimento do estudo e na prática da

---

\* Professor Titular de Literatura Brasileira no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi Vice-Reitor (1984-1987) e Reitor (1988-1991) da UERJ. A paixão pela literatura tornou-o não apenas um especialista, mas um amante apaixonado, desvendando os mistérios sutis de nossos mais importantes escritores, tais como: Machado de Assis, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade. Além do que, melhor que ninguém, soube penetrar nos labirintos da poética de Mário Faustino, donde soube retirar a sua oficina da palavra; e em João Cabral de Melo Neto, erguer nos traços da invenção uma geometria da composição da morte e vida da palavra severina.



reflexão crítica, nutrido na privacidade do cochicho e da conversa entre quatro paredes, acabou eclodindo no debate e na manifestação pública. Naquele primeiro momento, portanto, pensar e semear idéias era resistir. A vigília ativada pelo estado de sobreaviso constante e pelo sentimento de urgência da hora, redobrava de intensidade nas práticas de interlocução pública. Auditórios e salas de aula tornaram-se, então, pontos críticos e alvos privilegiados, não tanto por causa dos ouvidos embutidos nas paredes, mas, sobretudo, pela possibilidade de mover consciências e fecundar o instante. Preencher esses hiatos com questões instigantes e propostas inovadoras equivalia a oxigenar o ambiente e revigorar o espírito. Professores e estudantes, sintonizados com os desafios do tempo e conscientes dos riscos que a situação comportava, valiam-se dessas oportunidades para incentivar a participação de todos na discussão das questões acadêmicas e da conjuntura política do país a despeito dos controles que inibiam o livre debate.

Mas, não obstante todas as adversidades, esse foi um momento extraordinário da universidade brasileira que, ao assumir o compromisso histórico que naquela circunstância lhe competia, conseguiu registrar êxitos consideráveis no desempenho de sua missão. A questão crucial era, sem dúvida, saber conciliar a busca da verdade à luz do saber consolidado e persegui-la na fronteira de novos conhecimentos, com o objetivo de

formar cidadãos politicamente orientados sem, no entanto, frustrar as expectativas daqueles que procuravam na educação superior o melhor caminho para a realização plena de suas virtualidades humanas e profissionais. Em suma, a consciência política não podia inibir o florescimento das virtudes intelectuais e da consciência social, devendo, ao contrário, favorecê-las. Como ocorre com as demais áreas que integram o campo das Humanidades, a área de Letras, normalmente bastante sensível às implicações ético-poéticas que permeiam todo o processo de formação das novas gerações, sente de maneira aguda as dificuldades impostas pelos regimes de exceção. E foi o que efetivamente aconteceu com a parte mais ativa do nosso Instituto durante aqueles anos de chumbo, período que ficaria mais corretamente dimensionado se visto na perspectiva do seu percurso histórico.

Bastaria um rápido olhar retrospectivo sobre os cursos hoje abrigados no Instituto de Letras da UERJ para reconhecer o mérito daqueles que, em setores e momentos distintos, contribuíram para o renome desta instituição. Durante cerca de setenta anos de história (dez a mais do que os cinquenta e oito da UERJ), foram tantos e tão relevantes os serviços prestados ao estado e ao país nas áreas da educação, da cultura, da ciência, da tecnologia e desenvolvimento social, que o resgate em sua real dimensão demandaria recuperação de dados e informações dis-



persas, análise de documentos e auscultação das testemunhas que guardam na memória feitos memoráveis e sucessos adversos. Para tanto, seria necessário um projeto concebido com o fim de resgatar do esquecimento episódios singulares da história desta unidade e o mérito daqueles que se destacaram no trabalho de constituição e sustentação de sua trajetória. Como herdeiros e beneficiários do patrimônio cultural aqui construído ao longo dessas décadas, a nós compete a tarefa de promover a memória dos que nos antecederam, tirar proveito das lições que nos legaram e fazê-las frutificar em novos empreendimentos neste processo de continuidades e rupturas. Só assim mostraríamos fidelidade ao compromisso histórico desde o começo desenhado, que é saber aliar o respeito à tradição com a ousadia da inovação, ou seja: ampliar o domínio do conhecido e desbravar o desconhecido.

Para honrar devidamente o legado acadêmico construído ao longo de sua história, o IL-UERJ precisaria remontar às origens de onde provieram conceitos e princípios que motivaram iniciativas cujos resultados permanecem válidos ainda hoje. Os feitos mais proeminentes evocam figuras eminentes, como a de Lafayette Cortes, um educador de grande visão que, no final da década de trinta do século passado, concebeu a matriz primeira dos nossos cursos. Inicialmente integrados na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, instituição criada com o propósito

de desenvolver em nível superior no Rio de Janeiro, o estudo das ciências e das humanidades visando capacitar profissionalmente professores para o ensino médio. Esse compromisso com a educação continuou embasando os nossos cursos quando em 1950 esses passaram a integrar a estrutura da Universidade recém-criada e ali permaneceram mesmo depois da Reforma de 1968, data da desarticulação da FFCL e redistribuição das disciplinas em vários institutos. Nas décadas de cinquenta a setenta, a formação de professores para o ensino médio era o principal objetivo dos cursos de Letras. Tornar-se professor efetivo da escola pública era, então, a grande expectativa dos jovens que optavam por essa via. O número limitado das vagas tanto para os cursos da UERJ quanto para os concursos do estado acirrava a competição entre os candidatos. Tratava-se de emulação saudável, pois incentivava o debate e a concorrência aos cursos, seminários e palestras destinados aos concorrentes. Em conseqüência, os estudantes chegavam à universidade com uma bagagem de conhecimentos bem mais considerável do que vem ocorrendo ultimamente.

De outra parte, o confronto de distintas concepções críticas e de diversas maneiras de abordagem do texto literário, bem como a alta rotatividade das vanguardas e o vigor da crítica militante aqueciam o momento cultural, alimentando polêmicas e controvérsias. O prestígio das Letras desfrutava, assim, de

espaços privilegiados nos meios de comunicação numa época em que floresciam os suplementos literários, presentes em todos os grandes jornais do país. A efervescência externa repercutia vivamente no meio universitário, que se sentia obrigado a acelerar o passo para ficar em dia com a marcha dos acontecimentos. Uma sumária listagem dos modismos então em voga dá uma boa idéia desse cenário cambiante: *new criticism*, estilística, sociologia da literatura, estruturalismo, marxismo, psicanálise, psicocrítica, estética da recepção etc.. As ondas sucediam-se, cruzavam-se e se sobrepunham com extrema rapidez, ao mesmo tempo que novas disciplinas, como Lingüística, Teoria da Literatura, Literatura Comparada, Teoria da Comunicação e da Informação, Teoria e Análise do Discurso, inflavam a grade curricular, concomitantemente freqüentada por questões como a do cânone, do gênero e dos estudos culturais. Processada em extensão e profundidade, a mutação tanto podia destronar nomes consagrados quanto acolher autores e obras ignoradas ou excluídas. De repente, revisões e recortes inesperados podiam resgatar nomes, iluminar perspectivas e revelar novos objetos de estudo. A mutabilidade do quadro, do enfoque e das configurações impunha, mais e mais, a prática constante da leitura. Nos cursos de Letras daquele tempo, o diálogo com o texto atravessava toda interlocução didático-pedagógica e, por isso, estudantes e professores liam muito.

E liam livros, nada de apostilas, antologias ou capítulos fotocopiados! Dos autores programados, lia-se, de preferência, uma obra inteira e, quando possível, lia-se as obras completas. Uma turma normal de um curso regular enfrentava com naturalidade, num único período, a leitura e análise de *Os Sertões*, *Grande Sertão: Veredas* e mais meia dúzia de romances ligados ao tema. E esta não era uma exceção, porque o *corpus* de um curso de poesia romântica, por exemplo, podia abranger a poesia completa de Gonçalves Dias, de Álvares de Azevedo e de Castro Alves, além de poemas selecionados de Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Fagundes Varela, Sousândrade e outros. Os estudantes da UERJ da década de sessenta viviam em permanente estado de alerta por causa do autoritarismo que dominava o país e controlava a universidade. Sempre presentes e atuantes em todos os momentos da mobilização estudantil, ousados no enfrentamento da repressão, espertos quando era necessário fugir dela, eles organizavam passeatas, protestavam nas ruas, mas estudavam e liam muito.

Esta tradição memorável da graduação não tem correspondente na pós nem na pesquisa. Mas, apesar de ter perdido toda a década de setenta e, por isso, chegar com atraso à institucionalização desses níveis, o nosso Instituto conta em sua história com alguns dos mais renomados nomes de gramáticos, filólogos, lingüistas, críticos e



estudiosos da literatura no Brasil. Quando aqui cheguei, pude ainda escutar ecos da ação de algumas figuras míticas, como Antenor Nascentes, Virgínia Côrtes de Lacerda, Ernesto Faria, Clóvis Monteiro e Tasso da Silveira. Na esteira desses luminares, despontavam em franca ascensão os representantes da segunda geração, encabeçada por Dirce Côrtes Riedel, Evanildo Bechara, Marcela Mortara, Carly Silva, Olmar Guterres, Leodegário de Azevedo, Abílio de Jesus dos Santos e José Ricardo Rosa que, à testa das disciplinas e cátedras criadas por aqueles, souberam dar prosseguimento ao projeto original, consolidando procedimentos e valores até hoje válidos e ativos em nossas melhores práticas. No horizonte histórico desses mestres, a co-ocorrência *pari passu* do cultivo da tradição com a necessidade da renovação fez com que se mantivesse ao longo dos anos a qualidade e respeitabilidade dos estudos literários, filológicos, lingüísticos e gramaticais aqui desenvolvidos. De minha parte, devo confessar que aprendi muito do convívio acadêmico com esses colegas cujos exemplos estimulavam o desejo de aprender e instigavam a vontade na busca de mais e mais saber. Deles recebi lições de abnegada dedicação ao estudo, de doação completa de si em favor de quem quisesse estudar. Com eles compreendi que nada robustece tanto a vontade de aprender e estimula mais a atividade intelectual do que a interação do professor com os alunos, dentro e fora da sala de aula.

É que eu mesmo resulto dessa experiência acumulada durante quarenta anos contínuos ministrando aulas a cerca de setenta turmas e cursos diferentes. É um mundo de idéias, de imagens, de voltas e viravoltas que preenchem de sentido os trabalhos dos meus dias.

Como toda a minha militância acadêmica na UERJ esteve sempre vinculada à Literatura Brasileira, é desse setor que guardo o mais rico acervo de lembranças e, por isso, é dele que posso falar com mais desenvoltura. Algumas referências bastam para dimensionar a vitalidade da tradição instaurada aqui desde o começo. O primado do texto nas atividades de pesquisa e ensino de literatura que vigoravam nos anos 50 e 60, por exemplo, afinava com o que havia de mais avançado na época. O primeiro nome a ser lembrado é, sem dúvida, o da Professora Virgínia Côrtes de Lacerda, criadora da cátedra de Literatura Brasileira e autora de ensaios sobre autores contemporâneos, como Guimarães Rosa e Érico Veríssimo, nomes que as academias acomodadas sequer cogitavam incluir em seus programas e tampouco imaginá-los figurar no cânone da Literatura Brasileira. Virgínia sinalizou ainda para a priorização do texto mediante a edição, em dois volumes, das *Unidades Didáticas* para uso em sala de aula desde o ensino médio. A importância desses compêndios é testemunhada ainda hoje por intelectuais de renome que confessam ter



despertado para a literatura a partir dos textos reunidos nessas duas coletâneas. Nunca é demais repetir que, dando continuidade ao trabalho da Professora Virgínia, Dirce Cortes Riedel avançou muito nessa direção através de realizações que transcendem o legado da antiga mestra. O pioneirismo de suas teses sobre Guimarães Rosa, por exemplo, e a publicação do importantíssimo *O Tempo no Romance Machadiano* são marcos indeletáveis dos estudos literários entre nós por causa da ousadia da escolha e da novidade na abordagem do objeto que, recortado com precisão metodológica e iluminado a partir do levantamento exaustivo das fontes bibliográficas, da definição e utilização de instrumental teórico adequado, possibilita explorar a riqueza de suas virtualidades latentes.

Na verdade, o legado que a Prof<sup>a</sup> Dirce nos deixou como educadora, pesquisadora, crítica literária, ensaísta, inspiradora e animadora de muitas iniciativas de grande valor acadêmico, somente será condignamente preservado na medida em que continuar intelectual e institucionalmente produtivo. Nada mais contrários à natureza de sua opção de vida e ao sentido de sua atividade intelectual do que ritos puramente formais encenados para reverenciar-lhe a memória. Dada a notoriedade de sua atuação e a ressonância pública de seus atos, seria muito difícil, senão impossível, encontrar alguém, em situação análoga, tão inexpugnável

a louvações encomiásticas e tão impermeável a qualquer modalidade de culto à personalidade. Mas, a atitude de humildade e auto-ironia que manifestava, primeiramente em relação a si mesma, depois em relação aos outros, longe de cavar hiatos de distanciamento, abria-se antes à aproximação carinhosa, ao cultivo da amizade e ao diálogo franco e sincero. Presença estimulante para os colegas e alunos, atenciosa com os mais humildes e ironicamente irreverente em relação a quem quer que assumisse poses de ostentação de saber ou poder. O exercício da reflexão crítica como traço de caráter perpassa-lhe toda a trajetória de educadora e estudiosa da literatura, presente tanto em atos públicos quanto em seu comportamento particular. No entanto, incansável na dedicação ao estudo, fiel ao compromisso com a instituição a que servia e no desempenho rigoroso das obrigações acadêmicas, nada inibia a descontração espirituosa nem tolhia a espontaneidade no trato com os amigos e com os que dela se aproximavam. E tudo isto parecia brotar vivamente do fundo dela mesma como de uma fonte de generosidade inesgotável. Tendo adotado como atitude pedagógica o diálogo inteligente, ser-lhe-ia inconcebível ceder a facilidades capazes de comprometer o nível e a qualidade do ensino ou que, de alguma maneira, redundasse em concessões que degradassem a missão da universidade. A opção por autores como Machado de Assis, Euclides da Cunha, Jorge



de Lima e Guimarães Rosa sinaliza inequivocamente na direção do aprofundamento em obras de elaboração intelectual complexa, incompatíveis com esquematizações rígidas ou com reducionismos simplistas.

Já nos tempos da Rua Hadock Lobo, prosseguindo na linha de trabalho inaugurada pela Professora Virgínia, e ao lado de colegas como Tasso da Silveira e Afrânio Coutinho, assume posições de vanguarda, defendendo a Literatura Comparada e a Teoria da Literatura como disciplinas integrantes do currículo de Letras. O convívio nessa época com mestres como Antenor Nascentes, Clóvis Monteiro, Ernesto Faria dos cursos de Letras e o intercâmbio com figuras similares da Filosofia e das Ciências Sociais, possivelmente contribuíram para firmar-lhe a convicção de que os estudos literários só têm a ganhar se articulados numa ampla e consistente rede de ligações interdisciplinares. Já a sua tese de Livre-Docente: *O Tempo no Romance Machadiano* (1960), além da contribuição original ao estudo da obra ficcional do mestre Machado, permanece como marco significativo para a compreensão histórica de um momento decisivo para os nossos cursos de Letras. Visto na perspectiva do tempo, é ensaio de referência tanto no que diz respeito à renovação de métodos de pesquisa quanto à leitura dos textos literários, agora iluminados a partir da reflexão teórica, apoiada em amplo lastro de consulta a fontes bibliográficas. Nas duas teses de cátedra: *O Mundo Sonoro de Guimarães Rosa* – apre-

sentada no Instituto de Educação em 1963 – e *Aspectos da Imagística de Guimarães Rosa* – defendida na UERJ em 1966 – associa a investigação acadêmica à produção cultural contemporânea, em flagrante contraste em relação a um fundo de acomodamento ao estabelecido e impermeável ao radicalmente novo. Advento revolucionário na república das letras da década de cinquenta, o fenômeno Rosa provocou, na recepção da época, perplexidades, rejeições, reverências, comentários ligeiros e alentadas análises críticas. Transgressor frontal de ortodoxias submissas ao código oficial da língua e acomodadas ao cânone assente, é fácil supor o grau de resistência que o autor de *Corpo de Baile* e de *Grande Sertão: Veredas* encontraria no meio acadêmico.

Sintonizada na faixa do seu tempo, nem por isso a Prof<sup>a</sup> Dirce descurava dos mestres do passado, de que dão testemunho inúmeros artigos, prefácios e apresentações de títulos que integram a estante dos nossos clássicos. Preocupada com a amplitude de horizontes da formação universitária, além dos textos lidos, comentados e discutidos em sala de aula que, na seqüência dos cursos, cobriam praticamente toda a história da literatura brasileira, promovia seminários, ciclos de palestras e conferências sobre os mais variados temas e assuntos com a participação de renomados especialistas. Evento memorável como o centrado em *Os Sertões* de Euclides da Cunha trouxe para a UERJ Olímpio de Sousa

Andrade e a exposição de um grande acervo de documentos da Guerra de Canudos. Frequentemente os estudantes das diversas turmas afluíam ao auditório para escutar a palavra de críticos como M. Cavalcanti Proença, José Guilherme Merchior, Luiz Costa Lima e outros. Transpondo a área dos estudos literários, disciplinas como história, psicologia, filosofia, arte e música eram também contempladas. Mas o feito mais espetacular neste tópico foi trazer Roman Jakobson para encontro inesquecível, viabilizado graças aos recursos recolhidos na rua pelos nossos estudantes, visto que a Reitoria se recusara a patrocinar a vinda do famoso lingüista.

Responsável pela criação dos cursos de pós-graduação na UERJ, ela preparou cuidadosamente a sua abertura, procurando, antes de lançar o projeto de Mestrado em Literatura Brasileira (1987), acumular experiências e adensar a massa crítica do corpo docente atraindo professores qualificados e insistindo em cursos de especialização iniciados em 1980 e cercados de requisitos comparáveis aos dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Só alguns anos depois, quando já bem consolidado o mestrado, é que passou a dedicar-se à organização do primeiro curso de doutorado. O projeto, para cuja elaboração o Prof. Luiz Costa Lima trouxe contribuição relevante, partia “do pressuposto de que um programa de Doutorado deve assegurar aos alunos a maior disponibilidade de tempo possível para suas próprias leituras e pesquisas (...) pretendendo reduzir ao

mínimo as obrigações por assim dizer “escolares” dos estudantes”. Proposta original, o Doutorado em Literatura Comparada (1993) não reduplica nenhum dos modelos existentes. A Prof<sup>a</sup>. Dirce coroa assim o conjunto de suas intervenções institucionais com a marca da renovação – traço dominante em toda sua trajetória.

Na atividade da educadora, prevalecia sempre o debate intelectual aberto. Tanto na sala de aula quanto nos grupos de estudo e reuniões de trabalho, procurava suscitar iniciativas inovadoras e desencantar talentos adormecidos. Ensinar para ela não era tanto uma questão de saber falar quanto de fazer falar, favorecendo pelo diálogo a emergência da verdade do outro. Suas aulas, palestras, artigos, ensaios e comunicações não se encerram com chaves solenemente conclusivas. Ela concluía sua intervenção como se suspendesse a fala dela para dar lugar à fala de quem a ouvia. À UERJ que ela ajudou a fundar e construir, Prof.<sup>a</sup> Dirce deixou um legado de vitalidade duradoura que testemunhas de várias gerações aprenderam a apreciar e cultivar. Por isso, acredito que a fidelidade às lições deixadas passa pelo prosseguimento na linha de estudos avançados que ela instaurou, cabendo aos sucessores procurar revitalizá-los ao embate das exigências do presente e na busca partilhada de novos achados com a coragem de quem ousa grandes empreendimentos e com a humildade de quem tem muito a aprender.